C L A R A

Ele nunca foi à sua cidade natal, portanto não era filho daquela terra. Não freqüentou a casa de sua mãe, naquela cidade. Não conheceu seu pai, o que foi uma pena. Nunca descansou à sombra das castanheiras da casa em que cresceu, na "velha província".

Ele chegou ao mundo bem depois dela. Na festa em que debutou, ele ainda era um "erê". Quando ela, de branco, disse: "sim", ele nem sabia ler e tinha medo do escuro.

Ele foi crescendo à distância, longe do seu olhar de mulher.

Seus doze ou treze anos, desperdiçou no lençol. Caminhou durante anos. Durante anos ela, também, caminhou. Foram erros, acertos, enganos, sonhos, tropeços e experiências.

Vieram de "mundos" opostos e acabaram na mesma estrada.

Superaram as diferenças e o amor, enfim, os igualou.
Ele nunca foi à sua cidade natal, não freqüentou a casa de sua mãe e nem conheceu seu pai, mas viveram uma linda história de amor.

CAPÍTULO 1 – Como tudo começou.

Era manhã de trinta de agosto daquele ano e, Danilo febril, pediu a Silvério, seu melhor amigo e, agora, acompanhante, que lhe trouxesse um copo d'água, para que pudesse tomar o remédio das 08:00h:

- Senta um pouco e vamos conversar como há tempos não fazemos. (Danilo tossiu)

Silvério atendendo ao apelo do velho amigo se sentou e perguntou:
- O que você quer me falar Danilo?

Danilo sorriu e disse:
- Nós nos conhecemos há tanto tempo que você até já sabe quando quero desabafar.

Silvério olhou para Danilo e riu, balançando a cabeça de um lado para outro.

Danilo continuou:
- É sobre ela que quero falar. Ela não me sai do pensamento mesmo depois de tanto tempo. E o pior é que ela nem sabe da minha doença. Eu não queria morrer sem vê-la pela última vez. Você entende, não é?

Silvério respondeu:
- É claro! Mas o que você quer que eu faça?
- Que a procure e lhe conte sobre a minha saúde, com certeza ela virá.
- Mas depois de tanto tempo você acha mesmo?

- Não custa tentar.

Danilo tossiu outra vez.
- Tudo bem. (Diz Silvério) Eu vou ligar para ela.
- Não! (Diz Danilo) Ligar não, vá até lá!

Danilo segurou na mão de Silvério e disse:
- Você é o meu único amigo. O único que ficou comigo e o único que conhece toda a história. Fale com ela, é o pedido de um moribundo.

Silvério sabia que não era fácil conseguir encontrá-la, mas também sabia que Danilo tinha pouco tempo de vida e ia fazer de tudo para atender, quem sabe, ao último pedido dele.

Naquela mesma manhã, Silvério partiu para sua missão, mas antes teria que deixar Danilo acompanhado por alguém, já que passaria alguns dias ausente.

Resolveu, então, contratar os serviços profissionais de um velho conhecido seu, que seria uma espécie de enfermeiro particular até que pudesse retornar.

Em poucas horas Carlos, o enfermeiro, estava à disposição de Danilo, por recomendação de Silvério, que partiu mais tranqüilo.

Danilo necessitava de cuidados especiais, principalmente, em relação ao horário dos remédios. Apesar do seu quadro clínico ser

irreversível, os remédios aliviavam as dores agudas em seu estômago. Além disso, Danilo necessitava de alguém com quem conversar e, na ausência de Silvério, Carlos seria o seu ouvinte, apesar de não conhecer nada sobre o passado do seu paciente. Contudo, já não importava conhecer ou não a sua história, que já estava no capítulo final, mas sim ser solidário e caridoso com um doente terminal. E Carlos era, antes de tudo, um profissional e, com certeza, já havia passado por isso outras vezes.

No primeiro dia, Danilo apenas pedia-lhe algo para beber ou, muito raramente, comer. Entretanto, com a ausência de Silvério, Danilo passou a sentir-se só, necessitando falar de si para alguém e, Carlos passou a ser o seu ouvidor.

Danilo pediu a Carlos:
- Sente-se e me faça um pouco de companhia. Eu não gosto de ficar só.

Carlos respondeu:
- Como quiser Sr. Danilo.

Danilo continuou:
- Eu sei que você não me conhece e não sabe nada sobre a minha vida. Mas que diferença isso faz? Daqui a pouco eu não estarei mais aqui mesmo. Eu só preciso que me ouça. Sem querer ser arrogante, eu estou lhe pagando para isso. Portanto, apenas finja que está ouvindo.
Danilo tosse repetidas vezes.

Carlos lhe disse:
- Eu realmente não o conheço, mas conheço o Silvério há algum tempo e ele me falou um pouco sobre o senhor. Portanto, pode ficar à vontade e falar o que quiser. Eu sou todo ouvidos.

Danilo agradeceu e começou:
- Eu fui casado durante algum tempo com uma pessoa que julgava amar, pois com ela eu me iniciei como homem. Você entende, não é?

Carlos respondeu:
- É claro.

Danilo continuou:
- Pois bem, tivemos um filho, Vinício, que já é um homem e mora na Europa. Eu não o vejo há algum tempo. Ele é músico, e dos bons, além de ser muito bonito. Mas deixa esta história para lá. (Danilo se cala por alguns segundos e continua) Durante o tempo que fomos casados eu fui fiel. Aliás, fidelíssimo! Mas as coisas mudam e, o relacionamento esfriou. Eu já não correspondia às suas expectativas, principalmente no que diz respeito ao sexo. E isso era a morte para ela, que era muito fogosa. E, então, começaram os aborrecimentos. Eu já não era mais o mesmo e Isabel começou a notar o meu desinteresse por ela.

Até que um dia, sem mais nem menos, ela apareceu na minha vida. A mulher mais linda desse mundo. Até o nome era suave: Clara. Sabe aquela coisa que você tenta evitar e não consegue? Se bem que eu nem lutei muito. Foi amor à primeira vista

e foi recíproco. Mas ela era casada e de família tradicional e, eu apenas um músico sem futuro e casado também. No entanto isso não foi empecilho para que brotasse um amor puro e verdadeiro. Coisa que eu achava que conhecesse, mas não conhecia. E posso afirmar que muito pouca gente conhece. Aí veio o dilema. O que fazer? Parece tão fácil para muitos, mas é muito complicado para poucos. A velha consciência batendo forte e me cobrando uma solução. Foi difícil decidir. Ao mesmo tempo em que me via diante da possibilidade de viver um grande amor, tinha o outro lado da moeda: O que fazer com Isabel?

Danilo parou de falar e olhou demoradamente para Carlos que perguntou:
- E o senhor o que fez?

Danilo respondeu com outra pergunta:
- O que você faria em meu lugar?

Carlos sorriu e respondeu:
- Sei lá! Acho que ficaria com as duas.

Danilo disse:
- É o que todos me diziam. Até o Silvério.

Carlos voltou a perguntar:
- Mas o senhor, o que fez?

Danilo abaixou a cabeça, ficou em silêncio por alguns segundos, levantou a cabeça, olhou para Carlos e respondeu:

- Eu fiz o que julgava ser o correto. Contei-lhe a verdade.

Carlos perguntou:
- Mas assim, com todas as letras?

Danilo respondeu:
- Bem, não exatamente. Mas comecei a preparar o terreno.

- Como assim? (Perguntou Carlos).

- Eu disse a Isabel que já não sentia por ela o mesmo amor de outrora e que já não sabia se queria continuar casado. (Respondeu Danilo).

Carlos perguntou:
- E Clara, também pensava em se separar?

Danilo respondeu:
- A situação dela era mais complicada do que a minha.

- Mas por quê? (Perguntou Carlos).

Danilo respondeu:
- Eu não espero que você entenda, mas além dela não ter nenhuma influência na minha decisão, ela era casada há muito mais tempo do que eu, já não vivia maritalmente com o homem com quem casara, tinha uma filha com síndrome de Down além de pertencer a uma família muito influente e ser mais experiente do que eu.

Carlos olhou admirado para Danilo e disse:
- Pode não ser o maior dos problemas, mas pesa bastante.

Danilo balançou a cabeça como sinal afirmativo e falou:
- E eu reconheci que era muito difícil se livrar de uma situação assim, além de não cobrar dela a mesma atitude que a minha. Eu me separei por não conseguir viver enganando Isabel, já que não gostava mais dela. Depois que consumamos a separação, eu me senti mais leve. Minha única tristeza foi ter que me separar do meu filho, pois Isabel foi para a Europa. Mas com o tempo eu me acostumei com essa perda.

Carlos perguntou:

- Mas o senhor nunca mais viu seu filho?

Danilo respondeu:
- Só depois de muitos anos, quando ele já era praticamente um homem. Aliás, foi um encontro inusitado.

Carlos perguntou:
- E o senhor o vê com freqüência?

Danilo respondeu:
- Não, ele é muito ocupado e quase não vem ao Brasil. Mas nos comunicamos por telefone.

- Fale-me mais sobre Clara (pediu Carlos).